



Relato da 9ª roda de conversa de conversa da Frente Estamira de CAPS:

Atendimento à distância nos CAPS: experiências e reflexões

Dia: 09/06/2020 (3ª feira)

Horário de início: 17h05min

Horário de término: 18h35min

Local: Google Meet (sala de reunião virtual)

Participantes: Adriana Santos, Alessandro Barbosa, Alex Gomes, Amanda Regina, Ana Lucia Togeiro, André Correia, Bethania Caetano, Bianca Oliveira, Carlos Henrique, Camila Silva, Camilla Poubel, Celia Regina, Crisfani Lopes, Cristina Ventura, Debora Herdade, Diogo Sousa, Fabio Ribeiro, Fernanda Lorena, Gisele Bandeira, Herica Gonçalves, Irma Ribeiro, Ivone Ferreira, Jackeline Simas, Jackie da Silva, José Freire, Josiana Gesteira, Juliana Sá, Juliana Tempone, Juliana Vinhais, Júnia Prosdocimi, Leandro Pacheco, Leleco Leandro, Livia Esteves, Luciana Alleluia, Lucidia Cruz, Madalena, Maria Clara, Marise Lutterbach, Marla Ribeiro, Marta Zappa, Michele Loureiro, Patricia Gula, Paulo Costa, Pedro Gabriel, Priscilla Viella, Renata Antum, Renata Re, Rosemary Calazans, Sabrina de Freitas, Sandra Mendes, Sueli Benante, Suellen Oliveira, Tatiana Marques, Thaisciara Lincoln, Thayz Lima, Valéria Martins, Vanessa, Viviane Ribeiro, Walcyr de Oliveira, Waleska Borges. Houve, em média, 55 participantes.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Apresenta o tema do encontro e recomenda que os microfones fiquem desligados para não dar interferência.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): Como é recorrente nas nossas rodas, apresentamos relatos e fazemos reflexões sobre eles. O tema de hoje é fundamental porque os CAPS estão funcionando em parte presencialmente e em parte à distância, e o atendimento à distância é importante para superar a barreira de acesso que o isolamento social impõe. O isolamento é o que nós defendemos, porque tem demonstrado ser no mundo inteiro, até esse momento, a única barreira efetiva para diminuir o ritmo da propagação do COVID e diminuir a pressão no sistema hospitalar, diminuindo portanto a mortalidade. O isolamento social é uma dificuldade para todos nós incluindo os usuários, e o atendimento à distância funciona como uma maneira de fazer o acolhimento sem estar atendendo presencialmente. É fundamental ouvirmos quais as experiências, iniciativas, adaptações, as soluções que os colegas dos CAPS estão conseguindo dar neste momento. No primeiro momento daremos a palavra para quem vai relatar uma experiência, quem quiser se inscrever pode se inscrever no chat.

Sueli Benante (CAPSi - Macaé): Trabalho como terapeuta ocupacional no CAPS infantil em Macaé, aqui somos 210 mil habitantes, temos o CAPS Betinho, que é de adulto e um CAPS Ad, chama CAPS Porto. Desde o começo da pandemia estamos atendendo presencialmente as emergências, nas reuniões de equipe conversamos com familiares por telefone, com os nossos próprios telefones, porque o CAPS estava sem. No CAPS tem wi-fi e internet é boa, e na reunião de equipe a pedido dos pais estamos conversando, dando orientações. Participo de um grupo com adolescentes há mais de 10 anos, temos um vínculo muito forte, e resolvemos fazer esse grupo com os adolescentes. A gente nunca conseguiu fazer com que eles se encontrassem além dos nossos passeios, e foi muito legal porque a partir desse grupo eles conseguiram conversar virtualmente, eles tem um grupo no Whatsapp e estão se falando. Estamos fazendo dois grupos com familiares, onde eles relatam suas angústias, dificuldades com a escola, e eles estão pedindo para que aumente esse grupo virtual. Foi interessante porque as mães se encontram nesses grupos, não se conheciam porque vinham em dias diferentes, tem filhos em idades diferentes, então foi muito interessante. Outra questão é de um dos adolescentes que nunca contou que escrevia, e conseguiu mostrar os escritos dele através de uma video chamada. A outra é que um adolescente relatou que estava muito feliz porque o CAPSi estava dentro da casa dele, estamos inclusive vendo filmes juntos. Não é fácil mas está sendo muito interessante.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Temos escutado nas outras rodas sobre como os grupos de Whatsapp tem sido importante, temos relatos de pessoas de se comunicarem por cartas, compartilharam áudios como se fosse uma rádio, tá sendo interessante. Lê comentário de Célia Regina: é de outro estado, a iniciativa do encontro agrega a todos e ameniza a saudade e o sofrimento mental.

Herica Gonçalves (CAPS Ad Júlio César - Rio de Janeiro): Sou psicóloga no CAPS Ad. Lá no CAPS foi muito importante poder organizar o nosso processo de trabalho com supervisão, para pensarmos as atividades remotas, foi muito importante não suspender de imediato o espaço de supervisão, suspendemos convivência e atividades de grupo mas gostaria de reiterar isso. Começamos um grupo terapêutico, um grupo de família, algumas oficinas estamos conseguindo realizar lá no CAPS, e começamos a questionar nas reuniões como vamos incluir nas atividades remotas quem não tem acesso a celular, internet. Somos CAPS Ad, estamos circulando muito pela rua, o trabalho da redução de danos é potente e tem se consolidado. Foi preciso percebermos que a rua não tinha mais ninguém pra gente conseguir contar de fato, então quando começou o distanciamento os serviços intersetoriais também recuaram, não só os comércios e incursões religiosas mas os serviços como clínica da família, consultório na rua, ficaram muito tímidos com a circulação no território, e a gente pôde reafirmar nosso trabalho muito mais potente nesse momento. Uma das coisa que estamos pensando é que o coletivo para essas pessoas é muito potente, e estamos pensando como viabilizar para quem não tem acesso. A gente fazia o grupo político, acontecia semanalmente para discutirmos as relações que eles estabelecem com o mundo, discutimos o momento atual, e tivemos que suspender durante a pandemia. Estamos pensando em como incluir alguns que têm acesso à internet e conseguem participar de algumas discussões, inclusive do grupo Estamira, e aqueles que se beneficiaram desse compartilhamento coletivo teriam mais dificuldade. Com a retomada da redução de danos pelo território, estamos levando alguns jornais pra gente poder conversar, levamos alguns vídeos do nosso celular, levamos papel e caneta, estamos começando a tensionar esse processo. Tá sendo um ensaio, tá sendo um desafio, mas compartilho para poder pensarmos como incluir essa galera que não está conectada na internet. Temos pensado nisso, oferecer caneta, papel, jornal, vídeos, e

seria bacana pensar em como serviços poderiam incluir quem não está conseguindo ser incluído.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Verifico que tem pessoas que estão participando pela primeira vez da roda. Temos também familiares e usuários que poderiam relatar também sobre como tem sido essas experiências com o CAPS à distância.

Suellen Oliveira (CAPS Ad Júlio César - Rio de Janeiro): Sou redutora de danos no CAPS Ad, no território de Santa Cruz, e venho trazer de experiência os desafios desse momento. Iniciamos a oficina de redução de danos, hoje pela manhã um paciente relatou que estava há 3 dias sem sair de dentro do quarto, fazendo as necessidades às vezes dentro do próprio quarto, às vezes saía pra conseguir comer alguma coisa, sofrendo muito, e ele relata a importância desse momento de fala, de ter alguém pra ouvir. Ele chora muito durante a oficina, e trago esse desafio de poder estar dentro da casa, saber o que o outro está vivendo, talvez experiências essas que talvez não teríamos se estivéssemos encastelados dentro do dispositivo. É um desafio mas buscamos alternativas para que ele possa respirar dentro da casa dele, é muito satisfatório poder ouvir de um paciente que “se vocês não estivessem aqui hoje, eu não sei o que seria de mim”.

Josiana Gesteira (CAPS Ad Júlio César - Rio de Janeiro): Sou psicóloga no CAPS Ad. Hoje fizemos reunião por vídeo, temos vivido essa experiência única de poder fazer grupos, oficinas terapêuticas, entrando na casa deles, muitos querem mostrar a família, mostram o desespero de estarem isolados, tivemos dificuldades, a gente planeja ser de um jeito e quando coloca em prática é de outro, mas temos recolhido coisas bacanas. Eles trazem a importância da nossa presença lá dentro da casa deles. Quando Herica diz sobre revistas e jornais pros que não conseguem acesso à internet, conseguimos levar pra eles como os serviços estão nesse momento, como estão os outros pacientes com quem eles tinham contato, eles perguntam sobre profissional tal, “como é que está fulano? Será que ele tá bem?”, e com isso fazemos um feedback, conseguimos fazer link levando notícia, “fulano tá bem, tá indo no CAPS”, servimos como para aqueles que não tem internet.

Viviane Ribeiro (CAPS Franco Basaglia - Rio de Janeiro): Sou técnica de enfermagem no Franco Basaglia, sou nova no CAPS, só tenho um mês lá. Tive experiência marcante semana passada, foi feita uma reunião em família e uma das mães de um usuário relata a importância do trabalho que estamos fazendo em vídeo, relata que a ajuda está sendo grande para poder articular os cuidados com o filho dentro de casa, e achei isso bem interessante. Eu não tinha essa noção do quanto era grande o trabalho dos CAPS, fiquei feliz em estar participando, e também dela poder estar entendendo nossa situação nesse momento de não estarmos com todas as funções do CAPS funcionando nesse momento.

Marise Lutterbach (CAPS - Cantagalo e Macuco): Participo das reuniões há um tempo e fica até repetitivo falar das atividades que faço, mas acho importante compartilhar o resultados que temos tido, faço grupos online de terapia comunitária nos dois CAPS em que trabalho. É bem verdade que o acesso não tem sido tão grande por conta da dificuldade de acesso à internet, mas aquelas pessoas que podem participam, temos visto a possibilidade de inserção muito interessante, não é uma atividade restrita aos pacientes dos CAPS, teve dias que a gente fez rodas com 7 regiões diferentes, inclusive um participante de Portugal, e temos pacientes com diagnósticos diversos, como é um CAPS de interior a gente acaba atendendo toda a demanda, tinham pacientes mais e menos intensivos, então essa possibilidade tem estimulado a participação. Outras situações tem sido oferecer atendimentos remotos, telefonam, ligam para perguntar como estão, e isso tudo é sempre bem recebido. Algumas atividades se mantêm presenciais, fazemos alguns acolhimentos, consultas de psiquiatria emergenciais, então isso não foi extinto. Falamos muito de CAPS, de paciente, mas tem as equipes, então essa integração conta com muitos participantes da equipe junto com os usuários, e aí não na posição de terapeuta mas na posição de cuidado, então todos aqueles com quem convivem (assistente social, psicólogo) falam do seus sofrimentos também, das suas dificuldades, da suas superações.

André Correia (Familiar): Estou chateado até hoje por ter perdido a reunião de familiares, estou aqui mais pra ouvir, a minha preocupação sempre foi a efetividade das reuniões, desde dificuldades maiores até os detalhes dessas reuniões. Como alguns já falaram é até interessante que seja algo que venha pra ficar, em casa há dificuldades técnicas, como o som, mas tem muito potencial se a gente perseverar. É isso que gostaria de estar sugerindo, sugere

abordar o tema família novamente, não sei se deu para chegar à alguma conclusão. É um desafio, um enigma a inserção dos familiares. Para mim a experiência à distância não está acontecendo, a minha esposa ela não participa muito no CAPS, eu participava mais do que ela, percebemos que cada paciente tem o seu perfil, é portas abertas, uns querem acessar mais, outros menos, é claro que se os atendimentos fosse mais a contento ia suprir muito a necessidade desses pacientes, ia segurar mais. Dependendo do perfil do paciente alguns não conseguem estar muito presentes, como a minha esposa. Consegui estar presentes nos CAPS, fiz até trabalho voluntário, mas tem precariedade, acho que a presença maior dos familiares seriam uma maneira de tentar suprir essas precariedades. A minha expectativa era a reunião de familiares online mas não está acontecendo, percebo que é uma falta de interesse mesmo.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Falta de interesse dos profissionais do CAPS? Será que você conseguiria sugerir isso lá?

André Correia (Familiar - São Pedro da Aldeia): O grupo de familiares ele acontecia mas não pegava aquele ritmo bom, e aí com a questão online aí não emplacou. Fico achando que tem potencial, é um perfil que eu gosto de participar, apesar de não ser uma coisa tão natural assim, eu faço um esforço, se for ver eu faço esforço por reconhecer a importância, a verdade é essa. Acho que tem que existir mais empenho dos familiares. Eu acho que os profissionais, que são as autoridades envolvidas, tem que estar puxando. Conversando com a Júnia até brinquei com ela que “quem estão na frente são vocês”, depois veremos quem vai puxar. Todo mundo tem que puxar, ver as ferramentas necessárias, os equipamentos, sabemos as dificuldades. A minha busca é essa parceira, não tem como colocar uma responsabilidade maior de um ou de outro.

Alberto Farias (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental / CAPS Herbert de Souza - Niterói): Sou familiar, CAPS Herbert de Souza em Niterói. Com essa situação que estamos vivendo, os técnicos do Herbert de Souza, formaram grupo online. e estamos participando de reunião de família por intermédio da tela. Tem sido muito proveitoso, já houveram 3 reuniões, estamos debatendo os problemas aqui em Niterói, como falta de remédio nos CAPS, até nos hospitais, então está havendo uma forma de atuar pra ver se vamos até a secretaria de saúde para melhorar esse atendimento. Vou ao CAPS há 20 anos,

meu filho faz tratamento lá, e só tenho palavras pra elogiar o trabalho dos técnicos, eles têm uma filosofia de formação muito boa nessa área, só tenho elogios e procuro sempre participar da reunião de familiares e da AUFA, estou muito feliz em estar participando dessa reunião aqui.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Depois você poderia falar como está sendo essa experiência da interação pela tela.

Alberto Farias (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental / CAPS Herbert de Souza - Niterói): Essa experiência é ótima, muito boa. Costumo dizer que nós da nossa geração, estou bastante idoso, e estou tendo felicidade, porque é uma coisa fabulosa falar com vocês, falar com parentes à distância. Sem dúvida nenhuma isso vai ficar em muitas atividades, tem empresas usando, isso veio pra ficar, e é uma felicidade viver esse tempo. Tô bastante feliz de estar vivendo nessa época com essa tecnologia toda que estamos usando.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Seu Alberto, a Renata colocou aqui (no chat) que é uma felicidade ouvir o senhor.

Diogo Sousa (CAPSi João de Barro - Rio de Janeiro): Confesso que fico muito feliz de ouvir a fala do seu Alberto, acho que ele está lidando muito melhor do que eu com os atendimentos na internet. Sou psicólogo no CAPSi João de Barro, na área programática 5.2. Uma das coisas mais interessantes nas reuniões da Frente Estamira pra mim é poder identificar algumas particularidades dos territórios. Na 5.2, que é o território de Campo Grande e adjacências temos dificuldades comuns em relação a outros serviços, mas também território muito populoso e vasto, é um público de extrema vulnerabilidade, e até a colega falando do trabalho dela, de ampliar o acesso pra quem não tem acesso a internet, esse também é um desafio pra gente lá. Algumas coisas vem aparecendo, estamos no terceiro mês nesse trabalho de isolamento, a gente supera uma dificuldade e aparecem outras, e assim vai, é um pouco do trabalho da atenção psicossocial mesmo. No início não tínhamos internet, nem telefone institucional, isso foi uma primeira questão lá atrás, dificuldades dos profissionais disponibilizarem o próprio telefone por experiências ruins, mas isso começou a ser

reorganizado, alguns profissionais compraram outros chips, foi criado um *Whatsapp* institucional, e tem sido bacana pra gente trocar muitas coisas, os familiares terem acesso, porque as vezes temos problema na linha fixa de telefone no CAPSi. E algumas coisas que a gente via no trabalho presencial estão como demandas no trabalho online. tínhamos grupo de familiares com trabalho de sala de espera muito bacana, muito forte e potente. Os grupos dessas mães de crianças pequenas, são mães que se comunicavam e elas demandaram uma continuidade no trabalho, o atendimento online. Foram criados alguns grupos online a partir desse trabalho que era presencial. Outra questão também que surgiu foi a partir de um pedido dos adolescentes e é um projeto que acabou ganhando forma no CAPSi, foi a confecção de máscaras para trocarmos com os vizinhos ou no próprio no território, de pessoas próximas, mas a troca por alimentos. Essas máscaras estão sendo confeccionadas por técnicos com a ajuda de dois adolescentes, e a troca tem feito a gente arrecadar alimentos para cestas básicas. A equipe tem procurado as famílias com uma vulnerabilidade maior e tem feito contato com essas famílias, marcamos dia e horário com toda a condição de proteção pra podermos levar a cesta básica. Temos alguns desafios, estamos tentando nos reinventar. Obrigado pela fala seu Alberto, o senhor me inspirou para persistir nos atendimentos online.

Alberto Farias (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental / CAPS Herbert de Souza - Niterói): Tenho sempre que elogiar porque acho que o elogio é uma crítica construtiva. que eleva e dá força àqueles que estão fazendo o bem.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): O Diogo trouxe o desafio do acesso a internet e construção de rede de solidariedade, de novas redes.

Paulo Costa (CAPS II - Mesquita): A roda traz sempre um suporte pra gente prosseguir. Temos acolhido atendimento a crise de forma até mais intensa do que esperávamos nesse momento de pandemia. Estamos com convivência reduzida, oficinas foram suspensas, mas temos feito contatos telefônicos, acolhimentos por videochamadas, eu enquanto referência marco uma vez por semana, e a gente tem tido respostas positivas. Tive um jovem de 18 anos, uma primeira crise nesse momento, o pai muito tomado, não entendia, não aceitava o filho com relação ao transtorno, teve poucos atendimentos presenciais e o resto remotamente, e temos respostas bem positivas. Uma vez por semana converso com ele e quando tiver

necessidade pode me contactar. Não é fácil, dificuldades surgem, até com relação a suporte de gestão, enfim, e quero dividir que aconteceu uma desins, até em homenagem ao professor Pedro. Foi quinta-feira passada, o usuário tá de passagem na RT, e por conta da gente estar acompanhando moradia assistida, tenho acompanhando a compra de móveis e montando uma moradia, e a família no momento não pode acolhê-lo no momento da pandemia por terem filho autista, e acompanhamos ele até nesse momento de ressocialização, acompanhar ele no reconhecimento do território, e é muito bacana acompanhar um processo de desins porque vemos o verdadeiro ideário da reforma psiquiátrica.

Rosemary Calazans (São Pedro da Aldeia): Hoje finalmente consigo fazer contato, tem dias que consigo chegar mais pro final e não consigo falar, mas tem sido super importante esse momento pra todos nós, que temos que reinventar a cada dia para seguir gerando acesso, acolhimento. Estou na gestão de São Pedro, temos um CAPS, um CAPSi, um núcleo de violência, um ambulatório, trabalhamos em escala no começo por um período, mas conseguimos montar um trabalho, as unidades estão funcionando normalmente das 8 às 17:00, junto com Renata Antum montamos uma nova escala no que diz respeito à RT, para que a gente pudesse diminuir os riscos dos que circulam dentro da RT, para preservar a vida dos moradores da RT, porque obviamente pra eles tem sido bastante tenso pra todos eles, se pra nós é pra eles mais ainda. Estamos pensando com os CAPS como poderá acontecer, a partir da semana que vem os profissionais ligarem pros moradores para fazer vídeo chamada, para ver se a gente diminui o grau de ansiedade, angústia e agitação.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Talvez você possa dizer o que é uma RT, residência terapêutica, tem pessoas perguntando.

Rosemary Calazans (São Pedro da Aldeia): A residência terapêutica é um dos dispositivos da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial), que foi criada desde o movimento da reforma psiquiátrica, desde a lei, e não são dispositivos de saúde, é uma moradia de pessoas que a gente teve que tirar (dos hospitais psiquiátricos). Em São Pedro a gente não tem, teve a primeira RT da baixada litorânea, que foi criada há 8 anos, então não há ninguém internado em lugar nenhum, que tenha longamente ficado em hospital psiquiátrico. Para as pessoas que não conseguiram voltar pra suas casas foi criado esse dispositivo pelo Ministério da Saúde

para que fosse um dispositivo de moradia, para fazer um trabalho de ressocialização, porque não era só tirá-los do hospital, mas de torná-los novamente pessoas que pudessem habitar a cidade, ter todos os seus direitos garantidos de ir e vir, de estar dentro da cidade, convivendo e vivendo com tudo que aquela cidade possa permitir. É uma tarefa muito difícil, graças à deus tenho a Renata Antum, nossa coordenadora, que tem experiência grande em desins. Tive troca de coordenação do CAPS recentemente, nosso coordenador pediu para estar saindo, isso gerou uma fragilidade num momento de pandemia, mas conseguimos garantir uma nova gestão com uma profissional que é assistente social, que não pode estar na reunião porque ela mora em Rio das Ostras e na hora tá em deslocamento. Nossos psicólogos estão atendendo com EPI, de forma segura, não fazemos atendimentos coletivos mas fazemos dispensação de medicamentos, atendimento médico, atendimento com psicólogo, fazendo VD's quando necessárias, CAPSi tá fazendo vídeos para sustentar laços com as crianças autistas que estão afastadas dos seus ritmos na escola, no convívio social, as crianças estão fazendo video pra mandar pra equipe do CAPSi. Médica do CAPS atende presencialmente, mas médica do CAPSi por ter mais de 60 anos atende online, levamos até ela os prontuários pra ela fazer as receitas, temos conseguido garantir. É um desafio muito grande, a cada dia, dar conta das dificuldades que a gente sempre encontra, mas a gente tem um grupo de familiares no CAPS, tem semana que psicólogo consegue manter grupo online, tem semanas que não, estamos conversando sobre a participação dos familiares de forma mais intensa neste grupo. Um indicador importante é que não estamos verificando muitas situações de emergência. O fato de estarmos fazendo atendimentos pontuais à família, um grande indicador é não estarmos colocando usuários pra ter ir pro pronto socorro, colocarmos num risco maior de contágio de COVID. Na baixada litorânea não temos hospitais de campanha específicos pra esses casos, está para ser inaugurado em Barra de São João. Em São Pedro, em Iguaba, não temos hospital geral, então a fragilidade é maior. Temos conseguido em São Pedro não ter muitos pacientes, temos número muito pequeno de emergências. Temos desafios, estava conversando com a nova gestão sobre como a gente vai poder avançar nesse cuidado, a cada dia vamos avaliando, nunca ninguém viveu essa experiência da gente poder garantir o acesso à distância, garantindo que vão poder escutá-los. Tivemos aumento de violência intrafamiliar muito grande, o abuso infanto-juvenil subiu muito. Temos núcleo de violência, link direto com juiz e com ministério público que estão em *home office*, pra todos nós que estamos na frente, estamos indo no ensaio e erro, avançamos um pouco, avaliamos um pouco, corrige um

pouco, é importante porque estamos avaliando o tempo todo se tá bom, se não tá bom. e ninguém melhor pra ouvir do que os usuários. Estávamos falando no grupo condutor da RAPS do quanto as reuniões da Frente têm sido importantes, essas trocas da frente tem sido muito boas.

Crisfani Lopes (CAPS Ad Júlio César - Rio de Janeiro): Sou psicóloga no CAPS Ad. Queria retomar os atendimentos aos familiares. Venho conduzindo o grupo de família há algum tempo, em torno de 3 ou 4 anos, os familiares vem, vão, existe uma rotatividade, e pensando nesse novo momento tivemos que reformular, e tem sido bem bacana. Iniciamos no dia 11 de maio o primeiro grupo online, tem sido bem importante, mantermos a regularidade, toda segunda feira no mesmo horário em que acontecia o grupo presencial, e venho observando que tem sido positivo, tanto no dia a dia como na fala delas. É primordial manter regularidade, tentar dar corpo para algo que já acontecia, mas manter um espaço de fala, de escuta, de pensar possibilidades, e tem sido bacana, agora de forma remota.

Adriana Santos (CAPS Herbert de Souza - Niterói): Gostaria de saudar a todos, principalmente seu Alberto e dona Irma, que são familiares lá de Niterói, onde trabalho, estou com a Lucidia oficineira, e estou feliz por estar ouvindo as pessoas de outros municípios do quanto essa tecnologia está nos ajudando nesse período. Acho que a internet e as redes sociais estão possibilitando isso, mas não é um processo fácil. Acho que é uma tecnologia que vem pra ficar, sendo que a gente sabe o desafio que é a inclusão digital na nossa área. Temos que pensar em formas de incluir a população, os usuários, familiares e também profissionais, porque a gente também não é lá essas coisas, eu pelo menos posso dizer que é tudo bem desafiador. Ouvindo um pouco a fala do seu Alberto, fiquei emocionada, vale a pena poder experimentar esse novo, e tem muito trabalho pra gente poder chegar aqui nessa telinha, tem muito papo né dona Irma? “Não, faz assim, faz assado, vamos treinar antes”. É uma nova frente de trabalho, encaro assim, mas que pode trazer muitos frutos, no sentido dos familiares se sentirem incluídos nessas tecnologias e pensarmos novas maneiras. Depoimento do seu Alberto fez com que eu pudesse renovar a esperança e força no dia a dia de trabalho.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Adriana trouxe que inclusão digital é importante e o que esse espaço tá agregando, por isso quando Rosemary

traz o que é uma RT, é pra gente não ficar falando só em siglas, como algumas rodas atrás o seu Alberto pontuou que todo mundo falava em siglas e ninguém entendia nada. Queria ler (no chat) que Célia Regina é assistente social, trabalha no Espírito Santo, ela compartilha que desenvolve um clube de leitura e escrita com os adolescentes vítimas de violência autoprovocada, e que a angústia da pandemia fez com que ela pudesse manter contato quase diário, isso se tornou um acesso de mão dupla, quando estão em crise lançam mão dessas ferramentas. Conheceu a Frente porque participou de uma live do CRP no Rio, ficou encantada e quis participar da Frente. Obrigada pelo elogio Célia, seja bem-vinda.

Alberto Farias (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental / CAPS Herbert de Souza - Niterói): Estou há 20 anos no CAPS Herbert de Souza, eu e minha esposa acompanhamos nosso filho, e o trabalho de vocês não passa e não fica no esquecimento, tenho aqui na minha estante o nome dos primeiros técnicos que cuidaram do meu filho, há mais de 20 anos. O espírito do CAPS é universal, tive oportunidade de ir a Minas Gerais, o espírito do trabalho é o mesmo. Estive no CAPS na Paraíba, é a mesma dedicação, a mesma seriedade, essa vontade de elevar, de curar, com resultados maravilhosos.

Lucidia Cruz (CAPS Casa do Largo - Niterói): Sou oficinaira há 10 anos no CAPS. É a primeira vez que estou aqui, sou do grupo de risco e estou trabalhando em *home office*, e quando começaram a falar das ligações, dos vídeos, de criar uma forma de se conectar eu fiquei meio “avechada”. Fiquei encantada porque tem sido maravilhoso, a Adriana faz um trabalho excelente com familiares, mas mesmo assim nosso contato com o familiar é muito difícil, a gente só entra em contato quando precisa de uma solução do paciente ou do familiar, é quando precisa de atendimento, sempre já na tensão. Com esse novo modelo de atendimento, me descobri muito mais próxima dos usuários. Quando uma paciente me viu ela começou a chorar, eu perguntei “por que você tá chorando?” e ela “é porque eu tô emocionada em te ver, eu estava morrendo de saudades suas”. O atendimento no CAPS tem sido 80%, os usuários mais preservados estamos evitando que faça trajeto de ir ao CAPS, vai pra pegar medicação, mas a convivência está fechada, oficinas também, mas essa ligação por telefone e vídeo me deixou mais próxima dos usuários como também dos familiares, deles dizerem “mas que legal, eu tô tão emocionada de você ter esse cuidado todo” e eu pensava

comigo que era um cuidado diariamente e que nem era visto pelo familiar. Esse reconhecimento nos aproximou muito mais, está se falando em novo normal, pra mim será um novo normal principalmente na relação com familiares e técnicos.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): Foram vários depoimentos e experiências muito importantes, de fato é uma nova frente de trabalho que não deixará de existir depois da pandemia. Iniciativas que foram tomadas poderão permanecer, é claro que acolhimento presencial é decisivo e deverá ser retomado progressivamente, mas muito do que se inventou no atendimento à distância certamente será incorporado à atenção psicossocial. A atenção psicossocial tem essa característica de gostar de novidades, de criatividade, e sabemos que quando elas são úteis pro tratamento elas devem ser incorporadas. É mesmo uma nova seara, várias situações me pareceram ser muito interessantes, essa experiência dos usuários conversarem através de vídeos eu acho sensacional. Lembro de outro relato em outra reunião, de usuários que por conta da limitação do telefone não conseguem passar vídeos, mas escrevem cartas e fotografam cartas, e mandam pro seu terapeuta. Isso em si já é uma coisa super poética, quem contou isso foi o Tiago do CAPS da Rocinha, isso é lindo, se constrói essa comunicação e o vínculo terapêutico se mantém. Tem coisas práticas também, é preciso assegurar que CAPS tenham acesso à internet. Talvez seja uma questão da Frente Estamira verificar se existe esse acesso e propor que a gestão se organize para assegurar que os CAPS tenham acesso. Achei importante no CAPSi João de Barro o *Whatsapp* institucional, sei que equipes já tinham e é um aplicativo que tem funcionado porque ele é prático, mas pelo que entendi pelo relato do Diogo esse grupo ele é mais do que um grupo de técnicos, porque ele acolhe tanto usuários quanto familiares. Talvez a gente pudesse conhecer mais essa forma de comunicação instantânea juntando familiares, técnicos e usuários, se entendi bem. Se não entendi podemos ir pensando se isso não é uma boa ideia também, porque um grupo maior traz proximidade maior. São muitas ideias. O André de São Pedro falou sobre a reunião com familiares, já tivemos a presença de familiares várias vezes, mas a Frente Estamira ainda não fez uma roda de conversa de familiares né, então talvez fosse o caso. Temos a Adriana que trabalha com isso, tanto como profissional quanto pesquisadora, tem o seu Alberto, a dona Irma, o André, para construirmos uma roda de conversa de familiares, ir construindo como uma pauta futura. Achei excelente, temos muitas situações. Agradeço a presença da Célia, na roda anterior tivemos uma pessoa de Santa Catarina, bem vindos sempre, embora nossa rede

seja mais do pessoal do Rio. Outro fato importante é a questão da violência doméstica, que não é uma questão dos CAPS mas da sociedade, é algo a ser melhor verificado nesse período da pandemia. Tenho percebido que usuários que necessitam de presença constante, por exemplo crianças autistas que vão ficar mais permanentemente com suas famílias, isso tá demandando da família maneiras de lidar com a questão, porque não tem o espaço do CAPS para levá-las, mas isso tem sido feito com muito cuidado pelas famílias. É claro que aumenta a sobrecarga, mas tem sido levado com muita delicadeza, isso é algo a se discutir. Temos aí a possibilidade de uma agenda ampla para construir.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Chegamos a ter 58 pessoas hoje, foi uma ótima roda, obrigada a todos.

Alberto Farias (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental / CAPS Herbert de Souza - Niterói): Um abraço a vocês do IPUB, participei de várias rodas com muita informação, com muita força e coragem para seguir, parabéns.

Redigido por Livia Esteves em 10 e 11/06.
Revisto pelos participantes, em 12 e 15/06/2020.

Rio de Janeiro, 15 de junho de 2020.
Frente Estamira de CAPS - Resistência e Invenção.